



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenador/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

Dobras, nervuras e latejamentos: pensando alguns n?o ditos em pesquisas sobre sofrimento

Autoria: Adriana de Resende Barreto Vianna

Provocada pela proposta do GT, gostaria de trazer alguns pontos para nossos works sobre sofrimento. O primeiro deles diz respeito à possibilidade de reinstauração de hierarquias entre pesquisador(a) e interlocutor(a)s a partir de certa economia emocional. Se, como nos provoca Veena Das, reconhecer a dor do outro significa abrir-se a um jogo de linguagem, podemos pensar que o processo de pesquisa como um todo exige a confecção de territórios coabitados de sofrimento, por mais que as posições e repertórios subjetivos sejam diferentes para cada um(a). Em que ponto, porém, a objetivação desse sofrimento compartilhado refrata-se numa forma possível de objetivação do ?outro?? Ou, dizendo de outro modo, como se secciona o sofrer compartilhado em um sofrer singularizado que pertence mais à vida pesquisada que à vida experimentada conjuntamente? Como vamos nos ?estrangeirizando? desses momentos em que nos sentimos copartícipes da dor vivida pelo outro para que possamos inseri-la na teia de relações que queremos compreender e narrar? Outro ponto diz respeito aos resíduos de culpa e vergonha que nascem ou da partilha de situações de sofrimento às vezes muito íntimas ou do próprio processo de conversão das dores alheias em teses e works acadêmicos de modo geral. Em diversos momentos em minhas pesquisas, mas também no acompanhamento de outros works de pesquisadore(a)s mais jovens, percebo o quão penoso pode ser lidar com os emaranhados morais-emocionais que nascem de tais processos. Não falo aqui de limites éticos sobre o que relatar ou não, ou sequer de cuidados políticos que sabemos serem necessários em variados contextos, mas de tramas afetivas que são reposicionadas quando começamos a escrever (e a publicar) histórias sobre sofrimentos ?dos outros?. Parece-me que as discussões sobre ética, tão fundamentais em nosso campo, não esgotam totalmente o fato de que as relações de pesquisa se dão entre pessoas atravessadas por dramas morais. Por fim, gostaria de discutir também algo das relações complexas entre alegria e dor no processo de pesquisa. Em situações em que parte da construção pública do(a)s nosso(a)s interlocutor(a)s está fortemente ancorada no sofrimento ou na politização do sofrimento, o relato sobre as alegrias, prazeres e



diversões parece especialmente deslocado ou até mesmo um ato de traição. Relações jocosas, jogos amorosos, comentários maldosos e divertidos acabam frequentemente fazendo parte das nossas ?margens? de pesquisa, nossos pequenos e invertidos diários secretos malinowskianos. De que ri a antropóloga? De quem os seus e as suas interlocutoras? Como incluir essa composição tão vital e tão banal entre alegria e sofrimento nas nossas narrativas, enchendo os textos e as análises da mesma carga contraditória que tem a vida?



Realização:



Apoio:



Organização:

